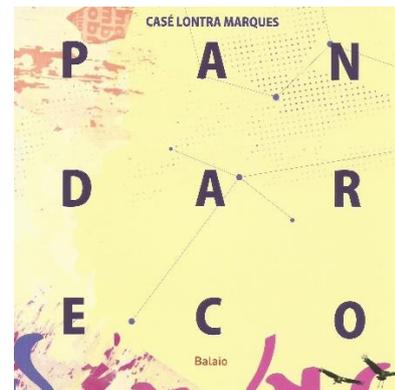


MARQUES, Casé Lontra. *Pandareco*.  
Ilustrações de William Shigueto. Vitória:  
Balaio, 2016.

Joana d’Arc Batista Herkenhoff\*



O livro *Pandareco* (2016) de Casé Lontra Marques, com ilustrações de William Shigueto, foi premiado na categoria Literatura Infantojuvenil, em Edital da Secretaria Estadual de Cultura (Secult, ES). Além de confirmar a qualidade da obra, o que o certame, devidamente, já fez, esta resenha se conduz com o propósito de apresentar o livro, tendo no horizonte — crianças, adolescentes e jovens — seus desejáveis leitores, buscando lançar luz sobre os recursos empenhados para seu encontro com o livro.

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

O cuidado com a materialidade, por meio do investimento no projeto gráfico-editorial, resultou na contradição entre texto e imagem nesse livro que tem grande chance de propiciar uma rica experiência semiótica e polifônica aos seus leitores. Esse quesito fez com que, além do prêmio Secult, *Pandareco* recebesse em 2016 o prêmio ibero-americano de design (Clap), na categoria "design editorial", executado pelo escritório de design Balaio, de Vitória (ES), com a participação ativa do autor.

Concordamos com Peter Hunt (2010) que, em sua reflexão teórica sobre a literatura infantil, considera a importância do livro como suporte e assim afirma que

até certo ponto realmente julgamos os livros por suas capas, e que o estilo da fonte, a resistência da encadernação, a qualidade do papel ou o cheiro da tinta nos influenciam. A maioria das pessoas (e não só crianças) têm uma relação sensual com os livros; como ele é ao tato, o seu peso na mão, o tamanho, a forma (e, para crianças mais novas, seu gosto): tudo importa (HUNT, 2010, p. 120).

O jovem escritor Casé Lontra Marques (1985) tem Graduação e Mestrado em Letras pela Ufes e significativa trajetória no meio literário, envolvendo-se não só com a produção, mas com a difusão da literatura, o que ele considera uma espécie de missão, uma forma de agradecimento à literatura. Empenhado no diálogo com e sobre a literatura, como forma de resistência e de sobrevivência nesses tempos de ares rarefeitos, o poeta, que é de Volta Redonda (RJ) reside hoje em Vitória (ES) e já publicou inúmeros volumes de poesia em reconhecidas editoras locais e nacionais como a Flor&Cultura e 7Letras. Na sequência, iniciando pelo mais recente, elencamos seus livros, com data da escrita, da publicação/disponibilização e nome da editora ou selo editorial responsável pela edição: *A fome nos torna uma horda*, 2019, (Inédito); *Desde o medo já é tarde*, 2017; (Rio de Janeiro: 7Letras, 2018); *O som das coisas se descolando*, 2017 (Vitória: Aves de Água, 2017); *A língua entre os lapsos*, 2017 (Disponibilização eletrônica: caselontramarques.blogspot.com); *O que se cala não nos cura*, 2016, (Vitória: Aves de Água, 2017); *Enquanto perder for habitar com exatidão*, 2014,

(Vitória: Secult-ES, 2015); *Indícios do dia*, 2011, (São Paulo: CCSP, 2014); *Movo as mãos queimadas sob a água*, 2010; (Rio de Janeiro: Multifoco, 2011) ; *Saber o sol do esquecimento*, 2010, (Vitória: Aves de Água, 2010); *Quando apenas se aproximam os rumores de chuva*, 2009, (Disponibilização eletrônica: caselontramarques.blogspot.com), *A densidade do céu sobre a demolição*, 2008, (Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2009), *Campo de ampliação*, 2008, (São Paulo: Lumme, 2009); *Mares inacabados*, 2007, (Vitória: Flor&Cultura, 2008); *Pandareco*, 2007; (Vitória: Balaio, 2016).

Além dos livros publicados, o autor, que disponibiliza sua obra em um blog pessoal, tem poemas publicados em diversos jornais, revistas, sites e blogs no Brasil e também em Portugal. Destacamos as publicações mais recentes na antologia poética da revista *Cult* de novembro de 2019 e no jornal *Rascunho*, com três poemas integrando a seção “Poesia Brasileira”, na edição de fevereiro de 2020.

O autor acusa em sua formação a participação de três escritoras, reconhecidas pela singularidade de suas poéticas, Cecília Meireles, Fiana Hasse Pais Brandão e Orides Fontela, essa última, objeto de estudo no mestrado. Há quem compare sua escrita a de João Gilberto Noll, que os seus poemas “lembram com frequência a prosa coleante e onírica de João Gilberto Noll, sobretudo quando especulam sensações em torno do corpo (SALGUEIRO, 2018, p. 150); há quem afirme que os bem conseguidos títulos de seus livros “imprecisos, moventes, meio inacabados [...] fazem lembrar as formações de Manoel de Barros, só que com quase zero alegria” (RIBEIRO, 2019).

Sobre seu processo criativo, assim se pronuncia em entrevista concedida a estudantes da UFRJ:

Procuo habitar escritas múltiplas, entre desejos, ansiedades, delírios e atrocidades tantas vezes informes; os textos que me habitam, enquanto os tateio, são construídos com o imprevisível. Há momentos em que me percebo compondo organismos rítmicos, mesmo que aparentemente se entreveja na página uma formatação seja de verso, seja de prosa. Manipulo estilhaços, detritos, fragmentos reelaborados por vozes, por voltagens dispersas, que se indeterminam,

disseminando-se como claridades – pelo menos para mim – inesperadas (MARQUES, 2009, p. 131).

Os traços e procedimentos da obra poética do autor já estão presentes em *Pandareco*, um dos primeiros livros que ele escreveu e o único para o público Infantojuvenil. A obra aguardava a oportunidade de realização de um projeto gráfico arrojado. Como bom exemplar do gênero, o livro tem potencial para agradar a esse público, mas não se restringe ao seu gosto, pois nele estão presentes: a exploração das possibilidades poéticas da palavra, por decomposição, aspensão do signo linguístico, exploração da sonoridade, dos vazios e silêncios; a reflexão metalinguística, o diálogo intertextual realizado com sutileza e inteligência, a provisoriedade e o inacabado do gesto poético; um alto grau de ludismo, mas com um humor contido, *blasé*.

O livro possui formato quadrado (21x21 cm), 52 páginas não numeradas, o que abre possibilidade para outros percursos de leitura, além do convencional. Se lemos do começo para o final, perseguimos um tênue fio narrativo, que costura os discursos do narrador, do personagem, a outras vozes em diversos gêneros de texto para nos tentar apresentar o personagem, cujo nome dá título ao livro. São enunciadas quatro tentativas de “descrever o Pandareco”, inicialmente, como um enigma que desafia o leitor com múltiplos caminhos, perguntas, portas e tarefas que, por cansativas, são abandonadas, por outras tentativas, manifestas em cartas, depoimentos, elogios, discursos, diários, convite, bilhete, desenho, poemas. Na ilustração, as tentativas se apresentam em caça-palavras, labirintos, portas, muitas portas — entreabertas, fechadas — instigando a curiosidade e participação do leitor/olhador.

Se optamos, porém, pela leitura com outras entradas, no modo aleatório, seremos surpreendidos por achados poéticos, no generoso esbanjamento de textos de diversos formatos: curtos, leves, em prosa, em verso, uns densos, filosóficos, outros ligeiramente engraçados, a nos apresentar o Pandareco e outros personagens de nomes curiosos, destacados do uso cotidiano, o que lhes devolve graça e interesse, perdidos no uso ordinário: a namorada Pipoquinha, a

gatinha Enseada, o caracol Delícia. E não há nesse modo de leitura o risco de *spoiler*, uma vez que a obra, aberta, termina (?): com “bastante vento — dentro dos olhos. Para movimentar pensamentos”.

Podemos dizer que *Pandareco* é um “livro formatado com a sintaxe dos sites” (ZILBERMAN, 2015, p. 35), pois explora as possibilidades técnicas do texto digital, como o hipertexto, que possibilita ao leitor essa liberdade de escolher seus caminhos sem se prender a um encadeamento linear ou único. Outra técnica conjugada é o palimpsesto: camadas de imagens de diversos campos e temas se sobrepõem e se interpenetram (espécies marinhas, celestes, constelações, pontilhados, linhas, linhas retas, curvas, linhas de costura, meadas, pautas musicais, manuscritos antigos), num rico texto imagético em diálogo com o texto verbal, sem meramente repeti-lo.

O título, corruptela de “pandarecos”, nome masculino plural utilizado na expressão “em pandarecos”, que significa em estado deplorável, em cacos, frangalhos, é apresentado na capa como um poema concreto, ou um caça-palavras, o que amplia as possibilidades de leitura, indicando o modo de leitura previsto pela obra. O leitor irá juntando os fragmentos para a composição do personagem, que também não é representado nenhuma vez, diretamente, pela ilustração.



Ilustração de *Pandareco*. Fonte: MARQUES, 2016, não paginado.

Nessa página, um dos pontos altos do diálogo texto/ilustração/intertexto, a ilustração representa o abraço de Pandareco e um amigo, por meio da imagem de dois corações que se interseccionam. O texto continua na página seguinte o diálogo com o poema “O bicho”, de Manuel Bandeira: “É um menino — um menino embrulhado em pedaços de papelão”.

Considerando a leitura como uma prática concreta, encarnada em gestos, espaços e hábitos (CHARTIER, 1999), para os leitores comuns, os elementos paratextuais, ou seja, *layout*, ilustração, informações sobre os autores, notas da edição e outros, são elementos que afetam a experiência de leitura. Para leitores em formação, são importantes a apresentação do autor, do ilustrador, algumas palavras sobre a história do livro. Isso serviria para potencializar a adesão à obra e facilitar encontros com o autor. Nada que não poderia ser feito numa próxima edição. O concurso que viabilizou a publicação do livro é uma ação governamental que ocorre anualmente com apoio do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo (Funcultura), com vistas a fomentar a produção e circulação no campo intelectual, cultural e artístico, poderia também prever a reedição de obras esgotadas. Especialmente as obras infantojuvenis cujo custo de produção é considerável, pelo projeto gráfico-editorial. A manutenção de políticas públicas como essa é imprescindível para a democratização do acesso à literatura, especialmente para estudantes e professores das escolas públicas, leitores potenciais de *Pandareco*, uma vez que o livro foi distribuído para bibliotecas públicas e bibliotecas das escolas públicas.

Enfim, temos em *Pandareco* um livro de literatura infantojuvenil muito bem executado no conjunto, que não faz concessões no plano da linguagem, de dicção rara e alta voltagem poética, aborda tanto questões vivenciais complexas, quanto coisas banais do cotidiano (como um par de tênis perdidos/achados que dançam em cima do armário) com um humor justo, rebatido, diríamos, ético. Trata-se de uma obra em busca de seu leitor, que pede olhos argutos, se não tanto, disposição para a distração e a demora.

E quanto ao Pandareco? Esperamos muito por outros leitores que nos ajudem a descrevê-lo melhor.

## Referências:

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 1999. p. 19-31.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história*. Curitiba: PUCPress, 2017.

MARQUES, Casé Lontra; MORAES, Alexandre. O poema só é possível se a cada momento enfrentamos as mudanças de significado e significante que a língua, em sua intensa movimentação, vai propondo. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Nunes Câmara e Rafael Lemos. *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 125-132, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/viewFile/17329/14526>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

MARQUES, Casé Lontra. *Desde o medo já é tarde*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

MARQUES, Casé Lontra. *O som das coisas se descolando*. Vitória: Aves de Água, 2017.

MARQUES, Casé Lontra. *A língua entre os lapsos*, 2017. Disponível em: [caselontramarkes.blogspot.com](http://caselontramarkes.blogspot.com). Acesso em: 15 fev. 2020.

MARQUES, Casé Lontra. *O que se cala não nos cura*. Vitória: Aves de Água, 2017.

MARQUES, Casé Lontra. *Enquanto perder for habitar com exatidão*. Vitória: Secult-ES, 2015.

MARQUES, Casé Lontra. *Indícios do dia*. São Paulo: Centro Cultural de São Paulo, 2014.

MARQUES, Casé Lontra. *Movo as mãos queimadas sob a água*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

MARQUES, Casé Lontra. *Saber o sol do esquecimento*. Vitória: Aves de Água, 2010.

MARQUES, Casé Lontra. *Quando apenas se aproximam os rumores de chuva*, 2009. Disponível em: [caselontramarkes.blogspot.com](http://caselontramarkes.blogspot.com). Acesso em: 15 fev. 2020.

MARQUES, Casé Lontra. *A densidade do céu sobre a demolição*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2009.

MARQUES, Casé Lontra. *Campo de ampliação*. São Paulo: Lumme, 2009.

MARQUES, Casé Lontra. *Mares inacabados*. Vitória: Flor&Cultura, 2008.

RIBEIRO, Ana Elisa. Solidão tumultuada de Casé Lontra Marques. *Letras*, nº 59. 4 jan. 2019. Disponível em: <<http://letras.cidadescriativas.org.br/2019/01/04/a-solidao-tumultuada-de-case-lontra-marques/>> . Acesso em: 14 fev. 2020.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência*. Vitória: Edufes, 2018. Disponível em <[http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11244/1/Livro%20digital\\_Poesia%20Brasileira.pdf](http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11244/1/Livro%20digital_Poesia%20Brasileira.pdf) . Acesso em 15 fev. 2020.

Recebida em: 9 de março de 2020.  
Aprovada em: 10 de maio de 2020.